

Inédito de Graciliano Ramos



# Um capítulo inédito de Graciliano Ramos – a liberdade incompleta de J. Carmo Gomes

ERWIN TORRALBO GIMENEZ<sup>1</sup>

“... hei de fazer sempre romances. Não dou para outra coisa.”  
(Graciliano Ramos, 1935)

## I

**A**pós escrever *Vidas secas* nos meses seguintes à sua saída da cadeia, e já instalado no Rio de Janeiro, Graciliano Ramos aparentemente se afastou da forma romance. Ao lado de um conjunto amplo de textos menores, dedicou-se a compor vagaroso os livros de recordações, em dois intervalos de sete anos: *Infância* (1938-1945) e *Memórias do cárcere* (1946-1953). Contudo, essa passagem da ficção à confissão – para lembrar as palavras de Antonio Candido – não se fez sem acidentes. O romance nunca deixou de ser, talvez, a sua mais funda vocação.

Numa carta ao filho Júnio, de 9 de abril de 1938, Graciliano se diz expectante quanto à história dos sertanejos que então publicara e ainda confidencia:

E enquanto esperamos vivemos chocando um projeto vago, qualquer coisa a respeito dum romance que vá da favela ao arranha-céu onde os tubarões da indústria digerem o país, e entre o morro e o escritório – a livraria, o jornal, a pensão do Catete, o restaurante Reis, o bar automático, o cinema, o teatro, o mangue e o café da Cinelândia. Enfim tudo indeciso, provavelmente não será escrito o livro.<sup>1</sup>

Foi escrito, em parte. Além de várias crônicas em que registrou lances da vida carioca (“A livraria José Olympio”, “Jornais”, “O sr. Krause”, “Conversa fiada”, “Aurora e ‘seu’ Oscar”, “Monólogo numa fila de ônibus”, “Os passageiros pingentes”, “Uma viagem a bonde” e outras), hoje coligidas em *Linhas tortas*, deixou quatro capítulos de uma narrativa encenada no Rio, na qual se despede do ambiente nordestino para ensaiar um quadro das divisões políticas, entre integralistas e comunistas, e literárias, entre espiritualistas e materialistas. Trata-se em certa medida de um *roman à clé*, com algumas figuras centrais do período, em especial o desolado romancista Christiano Pereira, alter-ego do au-

tor.<sup>2</sup> Com efeito, ao trocar o mundo imóvel do Norte pela urbanidade industrial do Sul, o tempo antigo que se desintegrava pelo tempo novo que se acelerava, a unidade de análise pela sequência de tipos e situações, Graciliano Ramos pretendia seguir como observador da matéria à sua volta. Duas notas devemos tirar do desígnio: os motivos responsáveis por sustentar o romance de 30, empenhado no exame das contradições nacionais, pareciam perder o impulso com a mudança de rumos, e o esfacelamento daqueles motivos chamava por outras sendas o romance. A despeito de perceber as inflexões de contexto, e mesmo dispor-se a representá-las, o escritor migrante não logra assimilá-las no cerne de sua técnica. Esboçando a transição, acaba por verter os contornos do problema em objeto do enredo: o choque de forças reacionárias e reformadoras, na agonia da Revolução de Outubro, a patrulha intelectual aos dissidentes, perseguidos ou recém-saídos do cárcere, o debate entre linhas de expressão e o convívio dos literatos – fatos que teimam em desaguar turvos no pensamento de Christiano Pereira.

Em “A prisão de J. Carmo Gomes”, capítulo inicial, o narrador estuda as espirais de raciocínio e pavor que atordoam d. Aurora, a ponto de fazê-la denunciar o irmão subversivo para protegê-lo de si mesmo. Filha de um major defunto, d. Aurora tem na pequena casa do Meyer, no montepio e no lastro de opiniões rígidas o legado do pai que ainda a mantém segura. Qualquer abalo na ordem das coisas a intranquiliza e, diante da onda vermelha, redobra o seu apego às instituições sólidas – a propriedade, a família, a igreja –, logo se torna adepta do Integralismo e, temendo por sua sorte, vê no parente próximo um inimigo. J. Carmo Gomes, jornalista de esquerda, não podia mais circular a fim de se reduzir a ameaça à disciplina e a ele próprio, assim todos se salvariam. Conforme acompanha os giros de autoengano da personagem, cuja ação resulta do medo, o autor relativiza os juízos e sonda honestamente a fraqueza humana por detrás do gesto indigno, de modo a descerrar o jogo pelo qual a ideologia manipula os alienados. Na cena doméstica de abertura, um símile já prenuncia, ironicamente, esse rasgo de banalidade perversa: “O canário molhava-se no bebedouro da gaiola, o gato cochilava em cima de uma cadeira – e as talas que os separavam permitiam entre eles uma espécie de cordialidade./ Entre d. Aurora e o irmão é que não havia cordialidade. Por isso um tinha sido comido”.

O segundo fragmento, sem título, começa com a liberdade de J. Carmo Gomes, após um ano e meio de reclusão. Ao pisar as ruas da capital, canhestro e só, sente-se tão confinado quanto antes, errando por locais públicos à espreita de vigiadores, pois a conjuntura pouco se alterou: “A certeza de que estava livre perturbava-o. Tinha-se habituado a mexer-se na gaiola, e orientar-se agora tornava-se difícil”. Relembra, simetricamente, eventos e companheiros de sua estada na cadeia, os quais o leitor de Graciliano Ramos reconhece nas *Memórias* – aliás, as sensações da saída, que faltam no livro autobiográfico cujo arremate a morte interceptou, aparecem sugeridas no texto. Já dono de certo equilíbrio, J. Carmo Gomes pondera o lado positivo do encarceramento: “Pensando bem,

ele não se envergonhava de ter estado na prisão. Gente mais importante andara lá, muitos haviam ficado lá. Por que iria julgar-se diminuído? Tinha aumentado, pois não, ganho experiência”. Procura guarida, então, na revista de um amigo, Pimenta, onde assiste a uma discussão acerca do romance contemporâneo: o espalhafatoso Silva Mello (supostamente Octávio de Faria) ataca as novelas regionais, documentos rasteiros que nem mereciam leitura (“– Porcaria. Tudo falso.”), enquanto o discreto Christiano Pereira ressalta, em termos justos, o valor de Amaro Sampaio (supostamente Jorge Amado) como narrador preocupado com a realidade brasileira.

Bem como o segundo capítulo se liga ao primeiro consoante põe em relevo um tema que havia ficado latente, o terceiro desdobra a questão levantada no anterior: o clima literário vivido numa livraria da Rua do Ouvidor, onde escritores e críticos se cruzam. Some J. Carmo Gomes para surgir o movimento da Livraria José Olympio, espécie de ofícios academia de letras na época.<sup>3</sup> Depois de fabular a origem da loja, fundada por Luiz Soares, professor que perdeu o cargo sob a acusação de eversivo, o autor recria a atmosfera a um só tempo rixenta e camarada que então atiçava as ideias literárias.<sup>4</sup> Se entre os confrades despontavam insultos aos rivais – “carolas” e “primários” eram as farpas opostas –, logo se atenuavam os ânimos: “Esses epítetos eram perturbados a distância, e quase nunca as pessoas alvejadas os recebiam diretamente. Na livraria os dois grupos entendiam-se bem, às vezes trocavam cortesias exageradas, elogiavam-se descaradamente”. Deplora-se também a crítica de conveniência, alheia ao rigor estético, sempre voltada a julgar as obras em razão da postura política dos escritores; não se portavam assim, porém, os frequentadores da casa:

A gente que se juntava na livraria do Soares ainda não tinha chegado a isso: eram sujeitos moços e barulhentos, que se aguentavam pela propaganda, respiravam o elogio e não podiam trabalhar sem ele. Qualquer diminuição na remessa de recortes indicava uma baixa de cotação – e por isso viviam todos apreensivos, imaginando horrorizados uma velhice de esquecimento e miséria.

Essa sombra pousa sobre Christiano Pereira que, sozinho nos fundos da loja, cogita arrasado a decadência de sua geração: “Acabaria desgraçadamente, como as mulheres do Mangue. Isso. Não havia pó de arroz, nem creme, nem rouge que lhe salvasse a literatura: estava ficando velha, o ligeiro interesse um instante despertado por ela desaparecera”. O quarto capítulo, desalentador, suprime os elementos representativos para apanhar pungentemente a expressão do romancista; sendo Christiano Pereira uma projeção de Graciliano Ramos (as suas lembranças e reflexões não abrem lugar à dúvida), forja-se aí, na terceira pessoa, um ângulo inusitado: não há qualquer mediação entre os níveis de consciência, redundando o engenho narrativo em desafogo, de modo que a ironia recai inteira sobre o próprio criador. Diferente, pois, do verbo condicional que em *Vidas secas* aparta os planos do desejo e da história, no pêndulo entre a personagem e o narrador, agora o horizonte se desmancha em cinzas:

Não seria um escritor popular nunca. Os seus livros tinham um jeito arcaico, eram feitos numa linguagem arrevesada e pedante. Querendo ser simples, tornava-se apenas seco, duro, esquelético. Dispunha dum vocabulário reduzido, a composição dava-lhe enorme trabalho. E realmente não tinha coisas interessantes a dizer. Nada de interessante para dizer.

Desgostoso de seu tempo, incapaz de avistar portas no futuro, persuadido da inutilidade dos livros já fabricados, o prosador migrante não se abalança a nada, mergulha nas trevas: “e agora estava ali, ocupando um lugar na livraria da moda, desejando que alguém lhe viesse fazer companhia, contradizê-lo, afastar-lhe as ideias escuras, sacudi-lo”. Tal estado de abandono, seja do mundo seja de si mesmo, explica a interrupção do romance.

O resumo feito aqui desse enredo fãlhado busca apenas situar o leitor a quem enfim se oferece o segundo capítulo, inédito. Decidiu-se neste momento publicá-lo por duas causas. O texto complementa de alguma maneira as reminiscências do cárcere com a obliquidade ficcional posta em J. Carmo Gomes, quando ele ganha a liberdade e continua a experimentar o emparedamento.<sup>5</sup> E também porque no discurso, como se verá, encena-se o curioso encontro entre os duplos que Graciliano inventou fincado nas tensões de sua subjetividade, a face política e a face artística. J. Carmo encara de través o esquivo Christiano Pereira (“Era um sujeito acanhado e mal vestido, provavelmente da província, um dos que nos últimos tempos caíam em chusma sobre a capital, fazendo literatura”), e não distingue nele talento de caráter engajado: “Realmente nunca lera nenhum livro do Pereira. Tentara grammar um, mas achara-o cacete e antiquado. Além disso o velho era pedante, ingênuo e desprovido de imaginação”. Partindo-se assim ironicamente em dois, Graciliano Ramos mira no contraste de espelhos as frações do seu drama no período: a consciência crítica e a consciência estética, que sempre reuniu em sínteses, lhe apareciam inconciliáveis.

Com o término do cerco, findos o Estado Novo e a Guerra, e elaboradas as matrizes do sentimento negativo em *Infância*, Graciliano Ramos aos poucos vence a paralisia e se acolhe nas perspectivas então abertas. Em 1946, principia a compor as *Memórias do cárcere*, achando na escrita de testemunho o caminho para dizer o que restara suspenso no romance abortado, graças a uma visão em certo grau remota dos eventos: “Demais já podemos enxergar luz a distância, emergimos lentamente daquele mundo horrível de treva e morte. Na verdade estávamos mortos, vamos ressuscitando”.

## II

J. Carmo Gomes saiu da prisão com cinco mil e quatrocentos no bolso. Realmente possuía um níquel de quatrocentos réis. A cédula rota lhe tinha sido emprestada pelo médico judeu Samuel Schneider, companheiro na sala da capela da correção. Coitado do Samuel. Ia ficar sem fumar até que as irmãs lhe levassem alguns maços de cigarros no dia de visitas. Assim amuado, J. Carmo Gomes atravessou diversos portões e chegou à rua. Desejou dar a mão ao guarda, um velho

que lhe fazia compras e, durante aquela horrível polinevrite apanhada na colônia correcional, o entretinha com histórias de Carlota e lhe oferecia xícaras de café. Excelente sujeito. Infelizmente era um carcereiro, e J. Carmo Gomes tinha escrúpulo de mostrar-se amigo dele. Não podia libertar-se dos companheiros, que pareciam vigiá-lo de longe: durante ano e meio não o tinham deixado um minuto só. Com certeza o desprezariam se o vissem apertar a mão dum guarda. Despediu-se fingindo-se muito ocupado com a maleta, os livros e os pacotes. Afastou-se alguns passos, voltou-se, percebeu um sorriso e um cumprimento do velho. E aquele sorriso, a farda puída, o pequeno boné sujo, as mechas de cabelos brancos, tocaram-lhe o interior. Achou-se ingrato, aproximou-se novamente do portão de ferro, pôs a maleta no chão e abraçou o funcionário:

– Muitas felicidades, seu Tavares.

Apanhou a maleta e retirou-se confuso, certo de ter cumprido um dever com algum desgosto. Se o vissem abraçar um homem da polícia, iriam julgá-lo canalha e covarde, exatamente quando a canalhice e a covardia eram desnecessárias, no momento em que o punham em liberdade. A certeza de que estava livre perturbava-o. Tinha-se habituado a mexer-se na gaiola, e orientar-se agora tornava-se difícil. Parou indeciso junto a um poste, olhou para um lado e para outro, depois continuou a caminhar em direção à cidade. Ao desembocar na praça da República arrastava as pernas com esforço. Era o diabo da polinevrite mal curada. Deteve-se, reparou nos letreiros dos bondes, esperando que um lhe sugerisse um destino qualquer. Teve a impressão de que dum grupo o observavam e retirou-se, foi espiar as cotias e os gatos do Campo de Sant'Anna. Lembrou-se da última vez que tinha andado ali. Voltava da colônia correcional, doente, com febre, e não podia acompanhar os outros presos. Um soldado negro impacientava-se e dizia de instante a instante: “Ande. Por que é que o senhor não caminha?”. As pernas doíam-lhe e a maleta pesava demais. Procurava inutilmente emparelhar-se ao malandro que ia um pouco adiante e cada vez mais se distanciava dele. “Ande.” J. Carmo Gomes retirou-se dali e entrou na rua da Constituição. As pernas dormentes arrastavam-se como naquela tarde, a maleta, os pacotes e os livros escorregavam, não havia jeito de conservá-los em posição conveniente. Atravessou capengando a praça Tiradentes, dirigiu-se ao largo de S. Francisco, parou indeciso no começo da rua do Ouvidor. Tinha vergonha de passar diante da livraria do Soares. Procurou um relógio. Seis horas. A livraria estava fechada, mas talvez algum conhecido andasse pela vizinhança. Barbudo, carregado de embrulhos, não se aventurava a aparecer ali. Encostou-se a uma esquina, estudou longamente as seis aberturas do largo e não se decidiu a escolher nenhuma. Nos primeiros meses de prisão desejava com desespero soltar-se, mas ultimamente vivia deitado, uma enorme preguiça amarrava-o. Devia ser efeito daquele miserável café com bromureto. Temia ver-se fora, julgava-se incapaz de trabalhar. Onde? As seis entradas do largo fechavam-se, todas as portas fechavam-se, tinham grades. J. Carmo Gomes equilibrava-se ora num pé, ora noutro, como quando esperava o médico para a consulta. Julgou distinguir um rosto co-

nhecido e virou-se rápido, foi esconder-se num café. Arrumou a bagagem numa cadeira, aproximou-se do telefone, rodou o disco e chamou Glorinha. Indispensável avisar Maria da Glória. Ouviu um grito metálico no aparelho, falou com a moça dois minutos e prometeu responder às perguntas mais tarde, às oito horas, em um dos bancos do Flamengo. Um sujeito impaciente rondou o balcão um instante, parou soprando, folheou o catálogo dos endereços, bateu nervoso com a bengala no chão. J. Carmo Gomes despediu-se de Maria da Glória, tornou a combinar o encontro no Flamengo, largou o fone e sentou-se junto aos pacotes. Precisava livrar-se daqueles troços, achar um canto para guardá-los. O papel dum dos embrulhos se tinha rompido e pelo buraco saía um punho de camisa. J. Carmo Gomes empurrou com o dedo o pedaço de pano indiscreto e ocultou o rasgão com uma brochura. Possuía aquelas misérias, apenas, e parecia um carregador ou um viajante de terceira classe. A roupa machucada ainda conservava lama da colônia correcional. Bebendo o café, recordou-se da madrugada em que percorrera a ilha, de volta, com destino a uma prisão ignorada. Tremia de febre, os dentes batiam castanholas na escuridão. Chovia muito, os caminhos estreitos da serra tinham virado rios. Escorregava, as pernas eram uns trambolhos, certamente não poderia chegar ao ponto de embarque. Um soldado que passava montado oferecera-lhe o cavalo, e ele recusara o oferecimento, surpreendido. Sacudira o torpor e metera com força os pés em buracos encharcados, pensando nos outros doentes que havia na leva de presos. Agradecera muitas vezes, o soldado insistira, depois se afastara. Afinal a humanidade não era absolutamente ruim. Olhou as manchas da calça. Na sala da capela esfregara-as com uma toalha molhada, mas o barro vermelho se entranhara na fazenda, não havia meio de apagar os sinais ferrugentos, que lembravam sangue velho. Com certeza trazia outras marcas piores: indecisão, uma quebreira, medo. Talvez um investigador o observasse da porta. Acompanhara-o até ali e estava manjando-o, a cara meio escondida no chapéu embicado. Manjando, manjando, onde aprendera semelhante nome? Provavelmente em conversa com Gaúcho, o arrombador que todas as noites ia sentar-se na esteira dele e contava em gíria uma aventura. Afinal a humanidade não era completamente ruim. Tinha resolvido não comprometer ninguém, receava que os antigos camaradas o recebessem com frieza. Saía com intenção de evitá-los. Fugiria deles, enroscar-se-ia. Pagou o café, levantou-se. Recolhendo o troco, desistiu desses propósitos egoístas: cinco mil e duzentos não lhe permitiriam conservar muita dignidade. E justificou o recuo afirmando pela terceira vez que a humanidade não era má. Pensando bem, ele não se envergonhava de ter estado na prisão. Gente mais importante andara lá, muitos haviam ficado lá. Por que iria julgar-se diminuído? Tinha aumentado, pois não, ganho experiência. O que o aperreava não era a lembrança da prisão, eram aqueles embrulhos medonhos, a roupa suja e machucada, o diabo da maleta chinfrim, de papelão gasto. A roupa estivera meses pendurada num ângulo dum guarda-vento, depois fora dobrada e equilibrada em cima do chapéu de palha, ultimamente se pendurava num prego, envolvida em jornais por causa da poeira.

A maleta servira de mesa, de cadeira, de estante, de armário, de travesseiro. Durante ano e meio esses trastes haviam representado para ele uma fortuna. Agora precisava escondê-los como quem esconde faltas, enterrá-los em qualquer canto. Apanhou-os, dirigiu-se à porta, examinou o largo e a rua estreita.

– Ora sim senhor.

Difícil guardar os troços. Possuía uma casa, ou antes possuía uma casa, e não podia entrar lá, espichar-se na cama, fazer a barba, lavar-se, refletir, telefonar com sossego, aguardar uma orientação. Andava à toa, como um cachorro. Haviam-lhe tomado tudo: a casa, a irmã, até a lembrança da casa e da irmã. Pobre da irmã, fizera aquilo com medo, era irresponsável, coitada. Suspirou, agitou a cabeça. Evitava pensar na infeliz, certamente não a tornaria a ver. Meteu-se na rua, cosendo-se às paredes. Ao passar diante da revista do Pimenta, parou, resolveu subir. A facilidade com que tomava duas resoluções – telefonar a Maria da Glória e subir à revista – animou-o, depois lhe causou um certo descontentamento. Enfim não era um tipo inerte, sem iniciativa, como supunha às vezes, mas procedia inadvertidamente, parecia uma criança. Claro que telefonar a Glorinha e subir à revista eram atos necessários. Por que não pensara nisso antes? Em ano e meio de repouso concebera projetos vagos, agora esquecidos; não decidira nada e provavelmente ia dar numerosos trambolhões. Entrou, calcou o botão, ficou um minuto com o rosto para cima, espiando a agulha que descia. O elevador abriu-se, J. Carmo Gomes entrou nele, saltou no sétimo andar, enfiou num corredor e bateu na porta da revista.

– O Pimenta está, minha senhora?

A mulher desconhecida franziu a testa, segurou a porta meio aberta e colocou-se diante da passagem, barrando o caminho.

– Eu queria falar com o Pimenta. Diga que é o Carmo.

Sem se desviar, a mulher voltou-se para o interior, chamou e pouco depois a cara magra do Pimenta apareceu por cima do ombro dela. Outras figuras conversavam lá dentro. Houve um momento de estupefação, findo o quê Pimenta afastou a mulher e abraçou o visitante, soltando exclamações. J. Carmo Gomes entrou na sala, cumprimentou o Silva Mello, criatura venenosa, e foi apresentado a um sujeito grisalho, que disseram ser romancista. Não lhe percebeu o nome. Atrapalhado, piscando os olhos, deixou cair alguns volumes, apanhou-os, arrumou-os na mesa, junto à máquina de escrever. Na confusão em que se achava, exibia a roupa manchada e a gravata velha torcida como uma corda. Em vez de lhe fazer perguntas, aquela gente dava-lhe informações a respeito do seu caso. Com certeza outros indivíduos postos em liberdade anteriormente haviam trazido notícias dele cá para fora, e os antigos colegas fossavam, farejavam o ministério da justiça e a chefatura de polícia. Pimenta, a mulher magra e o homem grisalho aparentavam alegria. J. Carmo Gomes sentou-se cansado:

– É como estão vendo. Indecente, venho indecente. Preciso um lugar para esconder estas imundícies. Pode ser?

– Pois não, acudiu Pimenta. Entregue tudo à Laura. É uma espécie de secretária da revista. Faz traduções fáceis e a correspondência. Guarde essa trapalhada, Laurita, ponha tudo ali no arquivo.

A mulher abriu um armário, onde livros e papéis se misturavam a sapatos e meias, e arrumou lá a bagagem. J. Carmo Gomes desanuviou-se e acendeu um cigarro:

– Eu vinha encabulado. Calculem. Parecia que todo o mundo me olhava e se espantava. Muito obrigado.

– Ainda voltou comunista ou já mudou de opiniões? perguntou-lhe Silva Mello grosseiramente.

J. Carmo Gomes arrepiou-se, atentou aflito no sujeitinho enfezado que fazia a provocação. Tinha recebido outras, mas nunca de semelhante modo. A primeira de que se lembrava tinha sido lançada anos antes, por um indivíduo que se fingia amigo dele. Esse tipo, depois de muitas frases misteriosas, encarara-o firme e dissera de supetão: “Estou chovendo no molhado. Você deve saber isto melhor que eu. Se eu sei...”. Carmo não sabia nada, mas temera revelar ignorância e calara-se. A segunda partira dum moço que o visitava nos primeiros dias de prisão, um moço amável de piteira comprida: “Não concordo com as suas ideias, mas respeito-as”. Expusera miudamente essas ideias, terríveis, respeitando-as sempre, e Carmo Gomes, que não tinha apresentado nenhuma ideia, encolhera-se, com vergonha de se desculpar. Não fosse o outro supor que ele estava com medo. Depois haviam surgido provocações em quantidade, nenhuma, porém, como a que Silva Mello acabava de jogar-lhe. J. Carmo Gomes entonteceu e fez o gesto de defesa a que se tinha acostumado: abotoou o paletó, encolheu o pescoço, ocultou na gola o colarinho, a nuca, parte do cabelo crescido. Engoliu em seco, apertou os beijos pálidos, olhou em redor assustado, ergueu-se um pouco, meio decidido a retirar-se. Acomodou-se de novo e afastou a cadeira para junto do romancista grisalho. Sabia apenas que se tratava dum romancista, mas não adivinhava de que espécie. Lembrou-se de vários e procurou sem resultado identificar o homem. Era um sujeito acanhado e mal vestido, provavelmente da província, um dos que nos últimos tempos caíam em chusma sobre a capital, fazendo literatura. Pensou nos escritores do Nordeste, de Minas, de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. Devia ser um desses, aparecido enquanto ele vivia fora do mundo. Sorriu e desejou dizer-lhe umas amabilidades: interrogá-lo-ia sobre a venda do último livro, se soubesse que ele tinha mais de um, e faria elogios discretos. Levantou-se, chegou-se à janela, olhou a rua. Pimenta conversou um instante com a mulher, aproximou-se dele e falou em voz baixa:

– Você dorme aqui?

– Acho que não durmo em parte nenhuma.

– Fique aí no sofá. Não incomoda.

– Obrigado. Eu queria somente guardar aquelas porcarias. Agora vou sair, desenferrujar as pernas. Preciso habituar-me a caminhar.

Ia despedir-se, mas uma discussão que principiava a azedar-se interessou-o. Silva Mello, no meio da sala, investia contra a literatura do Norte, feroz, e desmandava-se, gastando muita energia em gritinhos, saltos e piruetas. Erguia os braços, torcia-se como se o picassem pulgas e a sombra dele crescia, dançava. Movendo-se desse jeito, Silva Mello dava a impressão de estar em vários lugares, e como falava sem tomar fôlego, sem se importar com as respostas, triunfava.

– Aquele sujeito é nortista, cochichou Carmo Gomes ao Pimenta.

– Quem? O Pereira?

– Chama-se Pereira?

– Então? Não apresentei? É o Christiano Pereira.

– Ah! sim. Não ouvi direito a apresentação, respondeu Carmo Gomes arregalando o olho. Esquerda, bicho de valor. Formidável.

Realmente nunca lera nenhum livro do Pereira. Tentara gramar um, mas achara-o cacete e antiquado. Além disso o velho era pedante, ingênuo e desprovido de imaginação.

– Muito bom, sem dúvida. Nordeste. Ora veja. Botam-me na rua e caio no meio duma discussão literária. Fazia ano e meio que não ouvia isso.

E resolveu folhear os romances do Pereira e escrever um artigo elogiando-os. Pouco se arriscava. O Pereira tinha sido elogiado por tanta gente... Apoiava-se numa reputação regular, pelo menos durante algum tempo estava seguro. E podia ser útil.

– É o diabo, Pimenta. Preciso endireitar a vida, arranjar uns ganchos por aí. Se não cavar dinheiro amanhã, aceito o sofá que você me ofereceu. Por poucos dias, enquanto me arrumo. Esse Pereira é bem relacionado, não é?

Não pôde continuar, porque os gritos do Silva Mello o interromperam: enchiam a sala, cortando as objeções do outro, que se mexia na cadeira, procurando em vão defender os seus amigos. Atacando-os, Mello atacava-o, precipitando, embrulhando tudo, evitando qualquer exame que o adversário propunha.

– Que exame! Coisa nenhuma. Uns idiotas. Não li? Claro. Tinha graça perder tempo lendo burrices.

Largou um risinho nervoso e aludiu às colheitas de material, às pretensas viagens de estudo.

– Cretinos.

Essa picada era no Amaro Sampaio, que, em prefácios, falava nos documentos com que organizava os seus romances. Receando que o xingassem de romântico, Sampaio pretendia que eles fossem apenas reportagens, com bilhetes, notícias de jornais, cartazes, orações.

– Idiota.

– Não senhor, protestava o Pereira. Os romances do Sampaio eram excelentes e Sampaio era um bom camarada, um tipo direito. Essa história de reportagem, clichês, anúncios valia pouco, mas fora isso os livros tinham muita coisa boa.

– Evidentemente, concordou J. Carmo Gomes.

Silva Mello cresceu para ele, espetou-o com os olhos, depois ergueu os ombros e virou-lhe as costas, como se não visse ninguém. Soprou um risinho fungado pelo nariz e dirigiu-se ao Pereira:

– Porcaria. Tudo falso.

– Falso. Não tem importância. Até a topografia das cidades é errada. Que mal faz? Romance não é guia de turista, embora o nosso amigo Sampaio jure que só se ocupa de coisas rigorosamente observadas. Conversa. Agora dizer que são porcarias, isso não. Há páginas admiráveis. Você se lembra...

Silva Mello não queria lembrar-se de nada. A argumentação dele consistia em negar tudo. Negava que existisse uma literatura no Brasil. Existia? Não existia.

– Deve existir, murmurou Christiano Pereira. A sua, por exemplo.

Silva Mello estremeceu, espiou o outro de esguelha, suspeitando ironia.

– Falo sério, tornou Pereira. A sua. Já vê que existe.

– Isso é diferente, exclamou Silva Mello. Não sou literato.

Acrescentou que raro escrevia, só quando era forçado a escrever, como quem fura um tumor ou arranca um dente, que isto o aliviava e lhe dava um sono tranquilo, que não ligava importância à opinião de amigos ou inimigos, graúdos ou miúdos. Lorota. J. Carmo Gomes sorriu, esfregando as mãos. Silva Mello não dormia tranquilo: vivia amargurado porque as suas tiragens reduzidas mofavam nas prateleiras do editor. Publicara umas páginas razoáveis, que pouca gente lera, e enfurecia-se contra a estupidez nacional. Enfurecia-se especialmente contra os autores populares, umas bestas, os homens dos documentos, os regionalistas sempre ocupados com assuntos econômicos, fabricantes de lenga-lengas intermináveis. A princípio ainda recebera, como compensação, meia dúzia de notas lisonjeiras de críticos novos, mas o seu feitio agressivo afastava dele várias amizades proveitosas. Dezoito meses antes J. Carmo Gomes via-o em livrarias e cafés, atirando botes peçonhentos a torto e a direito, e agora vinha encontrá-lo mais rancoroso e mais indignado. Lembrando-se da provocação recebida, falou alto, dirigindo-se ao Pimenta:

– O Sampaio é feliz. Você sabe que nas prisões leem os livros dele? Pois é. Um volume roto, largando os pedaços, e disputado até por malandros e vagabundos. É terrível. Admirado lá embaixo e cá em cima, traduzido em várias línguas. Não há como o Sampaio. Aquele nasceu montado.

– Ótimo, rosnou o Mello. Escritor para malandros e vagabundos. Eu não digo?

E abandonando a literatura do Sampaio,

(O manuscrito interrompe-se aqui, incompleto.)

## Notas

- 1 Ramos, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro, Record, 1982. Outra referência de ordem pessoal é feita por Ricardo Ramos, que recorda o seu espanto quando, numa tarde ensolarada do Rio, surpreendeu a indiferença do pai pela paisagem, declarando mesmo este preferir a vista da caatinga. Sobre o episódio, comenta Ricardo: “Hoje, ao lembrar-me, associo aquela resposta ao fato de Graciliano ter deixado o romance antes dos 50 anos. A partir dali, ou de um *Vidas secas* escrito nos primeiros tempos de Rio, ele foi principalmente memorialista. É certo que tentou um romance, em muito ambientado na antiga livraria José Olympio, voltado para a vida literária carioca. Mas o projeto se interrompeu logo nos capítulos iniciais. A quem perguntava que fim tinha levado o livro, mais de uma vez o ouvi explicar-se: ‘Eu não sentia aquilo’” (*Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992).
- 2 O primeiro capítulo, “A prisão de J. Carmo Gomes”, apareceu como conto, numa tradução para o espanhol em *La Nación*, de Buenos Aires, em janeiro de 1940, e em português na *Revista do Brasil*, ano III, n.24, do Rio de Janeiro, em junho de 1940, integrando desde 1947 o volume *Insônia*; o manuscrito do segundo, totalmente inédito, está na pasta de *Insônia*, no Arquivo Graciliano Ramos do IEB; os capítulos III e IV foram publicados na revista *Colóquio-Letras*, n.3-4, de Lisboa, em dezembro de 1971, com apresentação de Fernando Cristóvão, sendo depois incorporados ao seu livro *Cruzeiro do Sul, a Norte – Estudos luso-brasileiros* (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983).
- 3 Ao lembrar os tempos áureos da livraria, Drummond afirma: “O fato é que não se pode compreender a efervescência de idéias, de planos, o sentido socializante da literatura por volta de 35 a 37, sem a presença da Casa. O romance sofrido do Nordeste, situado em 30, ganhou ali direitos de cidade. O modernismo, então ainda ridicularizado por jornais e salões, começou a funcionar como produto editorial, que o público julgaria diretamente. Os *Documentos Brasileiros* se converteram num laboratório de crítica, pesquisa social e interpretação histórica do Brasil. De modo que aquilo era uma loja de livros, à primeira vista; mas tinha alma” (“A Casa”, in *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977).
- 4 Na crônica “A livraria José Olympio”, em que propõe um romance ambientado no estabelecimento, Graciliano considera: “Há ali crentes e descrentes, homens de todos os partidos, em carne e osso ou impressos nos volumes que se arrumam nas mesas, muitos à esquerda, vários à direita, alguns no centro. O editor é liberal. Se tem simpatia para qualquer extremidade, oculta-a. Aparentemente está no meio: aceita livros de um lado e do outro, acolhe com amizades pessoas de cores diferentes ou sem nenhuma cor” (*Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1970).
- 5 Na “Explicação final” que se acrescentou às *Memórias do cárcere*, a fim de esclarecer o público quanto à lacuna no fecho da obra, Ricardo Ramos recupera conversas familiares nas quais o autor revelava o conteúdo e o tom que daria ao epílogo: “– Que é que você pretende com o último capítulo?/ Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas./ – Eu conhecia o Rio de 1918.../ E procurava orientar-se através de reminiscências, sem examinar as placas. A claridade forte, o movimento grande o atordoavam. Entrou num café, e ao levantar-se arrastou os pés, como se ainda usasse tamancos. Havia perguntas que se repetiam e esperava as respostas com impaciência, olhando a valise. A mulher traria dinheiro bastante para o táxi? Aonde iriam? Como poderia viver./ – Um fim literário” (Rio de Janeiro: José Olympio, 1953).

*RESUMO* – O artigo procura apresentar ao leitor o enredo de um romance carioca que Graciliano Ramos planejou escrever no fim dos anos 1930, observando os contornos políticos e literários daquele período. Dos quatro capítulos compostos, apenas o segundo restava inédito. Decidiu-se agora publicá-lo em razão do significado que o texto adquire dentro da obra: apreende as sensações de liberdade incompleta do personagem J. Carmo Gomes, recém-saído da cadeia, de modo a sugerir as páginas ausentes nas *Memórias do cárcere*, e também reflete as tensões próprias ao autor no intervalo entre a ficção e a confissão.

*PALAVRAS-CHAVE:* Graciliano Ramos, Romance, J. Carmo Gomes, Fragmento inédito.

*ABSTRACT* – This essay seeks to present to the reader the plot of a novel set in Rio de Janeiro that Graciliano Ramos planned to write in the late 1930s, construing the political and literary milieu of that period. Of the four chapters he actually wrote, only the second remained unpublished. The decision to published it now was made because of the significance the text acquires within that work, as the chapter conveys the feelings of incomplete freedom of the character J. Carmo Gomes, fresh out of jail, bringing to mind the missing pages of *Memórias do cárcere*. It also reflects the tensions faced by the author in the realm between fiction and confession.

*KEYWORDS:* Graciliano Ramos, Novel, J. Carmo Gomes, Unpublished fragment.

*Erwin Torralbo Gimenez* é professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. @ – torralbo@usp.br

Recebido em 15.10.2013 e aceito em 25.10.2013.

<sup>1</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brazil.